



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

SÉRGIO CARDOSO DOS SANTOS JÚNIOR

**ENSINO DE HISTÓRIA EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO AMAPÁ:
O TRABALHO COM OS OBJETOS BIOGRÁFICOS DE MEMÓRIA**

MACAPÁ

2022

SÉRGIO CARDOSO DOS SANTOS JÚNIOR

**ENSINO DE HISTÓRIA EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO AMAPÁ:
O TRABALHO COM OS OBJETOS BIOGRÁFICOS DE MEMÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Amapá, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Giovani José da Silva

MACAPÁ

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) Biblioteca Central da Universidade Federal do
Amapá Elaborada por Jamile da Conceição da Silva –
CRB-2/1010

Santos Júnior, Sérgio Cardoso.
S237e Ensino de história em comunidades ribeirinhas do Amapá: o trabalho
com os objetos biográficos de memória / Sérgio Cardoso Santos Júnior.
–2022.
1 recurso eletrônico. 42 folhas.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Campus
Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de
Licenciatura em História, Macapá, 2022.

Orientador: Professor Doutor Giovani José da Silva

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format

(PDF).Inclui referências.

1. História – Ensino. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Prática pedagógica.
4. Educação – Ribeirinhos – Amapá (AP). I. Silva, Giovani José da,
orientador. III. Título

Classificação Decimal de Dewey, 22 edição, 907

SANTOS JÚNIOR, Sérgio Cardoso. **Ensino de história em comunidades ribeirinhas do Amapá**: o trabalho com os objetos biográficos de memória. Orientador: Giovani José da Silva. 2022. 33f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Licenciatura em História, Macapá, 2022.

SÉRGIO CARDOSO DOS SANTOS JÚNIOR

ATA DE DEFESA DE TCC N° 35/2022, NUP 23125.004930/2022-10

https://sipac.unifap.br/public/jsp/documentos/documento_visualizacao.jsf?idDoc=782854

**ENSINO DE HISTÓRIA EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO AMAPÁ:
O TRABALHO COM OS OBJETOS BIOGRÁFICOS DE MEMÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para obtenção do grau Licenciado em História no Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Amapá.

Habilitação: Licenciatura em História

Data de aprovação, 11/02/2022, NOTA: 10,00 pts

Banca Examinadora:

(Assinado digitalmente em 06/03/2022 21:13)

Giovani José da Silva

Orientador Universidade Federal do Amapá

(Assinado digitalmente em 07/03/2022 11:46)

Simone Garcia de Almeida

Avaliadora Universidade Federal do Amapá

(Assinado digitalmente em 07/03/2022 11:14)

Cecília Maria Chaves Brito Bastos

Avaliadora Universidade Federal do Amapá

Coordenação do curso:

(Assinado digitalmente em 06/03/2022 18:15)

MARCOS SILVA ALBUQUERQUE

COORDENADOR DE CURSO, EM EXERCÍCIO

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por soprar força para dentro de mim quando não encontrava mais. Agradecer a minha família, especialmente meus pais, Dona Luzia Pereira das Chagas e Seu Sérgio Cardoso dos Santos, pelo apoio incondicional e por acreditarem em mim quando nem eu mesmo acreditava.

Aos meus amigos da Universidade, em especial aos amigos da Ponte do Farofa. Aos meus amigos de Futebol, dota 2 e World of Warcraft, a galera da Low Priority, que me ajudaram cada um de sua maneira a espairecer a mente quando me encontrava em situações na pesquisa que não sabia como proceder. Ao meu orientador que aceitou o desafio de supervisionar o trabalho em um momento delicado de minha vida.

E claro sem deixar de mencionar as meninas do Free fire. Muito obrigado!

RESUMO

As comunidades ribeirinhas apresentam particularidades sociais, econômicas, culturais e ambientais. Neste sentido, o ensino de história, através de metodologias como as novas linguagens para o ensino, apresenta alternativas que auxiliam no processo de ensino aprendizagem na educação ribeirinha. Neste trabalho, será debatida, analisada e concretizada uma intervenção pedagógica na Escola Família Agroecológica do Macacoari, localizada no Município de Itaubal, distante cento e doze quilômetros de Macapá, capital do Estado do Amapá. A proposta se deu através dos objetos biográficos de memória, experiência realizada com êxito para futuros licenciados do curso de licenciatura plena em História da Universidade Federal do Amapá, sob a orientação de Giovani José da Silva. Através deste aprendizado, surgiu a necessidade de expandir o trabalho com os objetos biográficos de memória para comunidades ribeirinhas em aulas de história. Trabalhando com o modo de Pedagogia da Alternância, onde os alunos residem sete dias na escola e sete dias em casa, a Escola Família, assim como a educação no campo no geral, sofre com o descaso do poder público no que diz respeito às políticas educacionais, evasão docente por conta da falta de energia elétrica e o difícil acesso a escola, que só pode ser estabelecido através de embarcações pelo Rio Amazonas, faz com que se estabeleça um abismo entre educação ribeirinha e educação urbana. Justifico a escolha da Escola Família Agroecológica do Macacoari como campo para esta experiência por já ter tido a oportunidade de ser professor de história e voluntário na referida instituição. O distanciamento dos alunos com a sua própria realidade, com o mundo que está a sua volta na educação ribeirinha, faz com que a disciplina História seja apenas uma matéria para complementar o seu currículo escolar. O trabalho com os recipientes de memória trouxe resultados satisfatórios e o reconhecimento de alunos ribeirinhos como sujeitos históricos, como partícipes de uma história que por muitas vezes permaneceu oculta dos livros didáticos, da escola e de metodologias que afastavam os alunos da sua própria realidade local.

Palavras-chave: Ensino de História. Objetos biográficos. Educação ribeirinha, Pedagogia da Alternância, Escola Família.

ABSTRACT

Riverside communities have social, economic, cultural and environmental particularities. In this sense, the teaching of history, through methodologies such as the new languages for teaching, presents alternatives that help in the teaching-learning process in riverside education. In this work, a pedagogical intervention will be discussed, analyzed and implemented at the Escola Família Agroecológica do Macacoari, located in the Municipality of Itaubal, one hundred and twelve kilometers away from Macapá, capital of the State of Amapá. The proposal was made through the biographical objects of memory, an experience successfully carried out for future graduates of the full degree course in History at the Federal University of Amapá, under the guidance of Giovani José da Silva. Through this learning, the need arose to expand the work with biographical objects of memory for riverside communities in history classes. Working with the Pedagogy of Alternation mode, where students reside seven days at school and seven days at home, Escola Família, as well as education in the countryside in general, suffers from the neglect of the public power with regard to educational policies. , teacher evasion due to the lack of electricity and the difficult access to school, which can only be established by boats on the Amazon River, causes an abyss to be established between riverside education and urban education. I justify the choice of Escola Família Agroecológica do Macacoari as the field for this experience because I have already had the opportunity to be a history teacher and volunteer at that institution. The distance of students with their own reality, with the world around them in riverside education, makes the discipline History just a subject to complement their school curriculum. The work with memory recipients brought satisfactory results and the recognition of riverside students as historical subjects, as participants in a history that often remained hidden from textbooks, school and methodologies that took students away from their own local reality.

Keywords: Teaching History. Biographical objects. Riverside education. Pedagogy of Alternation. School Family.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 REMEMORANDO UMA VIDA ESQUECIDA: O CONTATO COM AS LEMBRANÇAS	11
2 RECIPIENTES DE MEMÓRIA E A EXPERIÊNCIA COM O CONTATO	14
3 OBJETOS BIOGRÁFICOS DE MEMÓRIA E O ENSINO DE HISTÓRIA	20
4 NOVAS LINGUAGENS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA	22
5 HISTÓRIA E EDUCAÇÃO NO CAMPO: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO RIBEIRINHA	26
6 ESCOLA FAMÍLIA AGROECOLÓGICA DO MACACOARI - EFAM	29
7 OBJETOS BIOGRÁFICOS DE MEMÓRIA E COMUNIDADES RIBEIRINHAS: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37

INTRODUÇÃO

O ensino de História, através de pesquisas e novas abordagens, encontra-se em constante evolução, que tem como um de seus objetivos diminuir a distância entre professor/aluno/disciplina, pensando novas metodologias, novos olhares para o ensino de História. Hoje, a instrução histórica também se dá pelas novas linguagens para o ensino, tais como: Cinema, teatro, música, literatura, elaboração de jogos e objetos biográficos de memória. Este último foi pensado, analisado e colocado em prática na Escola Família Agroecológica do Macacoari, localizado no município de Itaubal, distante cento e doze quilômetros de Macapá, capital do Estado do Amapá. A escolha da região e da escola se dá por dois motivos: O primeiro é que tive a oportunidade de ser professor de História e voluntário na referida região e na Escola Família, analisando os modos de vida dos ribeirinhos e a relação que a disciplina estabelecia com a sua vida.

O segundo motivo é que observando a educação ribeirinha, é possível notar o distanciamento dos alunos com a disciplina história, principalmente porque o currículo de história está pautado em conteúdos totalmente desconexos com a realidade local, ignorando por muitas vezes o fato do aluno estar localizado na Amazônia, o que acaba soterrando as possibilidades dos alunos dialogarem com a disciplina e se reconhecendo como partícipes de uma história, que também é a história da humanidade.

A educação no campo enfrenta muitos obstáculos para o seu funcionamento. O desnível se comparado com a educação urbana, o pouco caso do poder público com a educação rural, os baixos índices escolares provocados pela evasão docente, faz com que o trabalho pedagógico no campo seja bastante peculiar e desafiador. Na educação do campo, existe uma modalidade que neste trabalho terá destaque: A educação ribeirinha, que é a categoria que abrange as comunidades ribeirinhas, que são o público alvo da Escola Família Agroecológica do Macacoari.

O objetivo central desta pesquisa é descrever a intervenção pedagógica com os alunos da EFAM, buscando o reconhecimento dos mesmos enquanto sujeitos históricos e a construção das bases da teoria da aprendizagem preconizada por Freire (2006). Funcionando como um bom método introdutório para o início do ano letivo, o trabalho com os recipientes de memória fazem parte de novas abordagens para o ensino de História, buscando a inovação e a lucidade dos objetos para um aperfeiçoamento dos alunos na disciplina e o estreitamento dos laços entre professor/aluno, que embora seja próximo no ambiente da EFAM, ainda

encontra-se distante no que diz respeito ao caráter pedagógico.

O presente trabalho usa os métodos freireanos para formular e executar ações no processo de ensino aprendizagem. Bittencourt (2004), é outra autora em que este trabalho toma como referência, assim como Fonseca (2003), que fizeram contribuições significativas para o avanço das pesquisas em ensino de História, colaborando para vários pontos reflexivos e conclusivos desta pesquisa.

Os objetos biográficos são baseados na obra de Morin (1974) no qual os objetos são incorporados a vida do seus possuidor e mesmo que inicialmente aparentem ser inanimados, com o passar do tempo os objetos ganham vida, pois complementam a vida de seus donos. O professor Dr. Giovani José da Silva, na época como professor de metodologia do ensino de História da Universidade Federal do Amapá, observando as potencialidades do trabalho de

Morin (1974) com os objetos biográficos, decidiu adicionar o termo “de memória” e acrescenta-los junto a sua disciplina de seminário de prática de ensino de História IV, para futuros professores de História da referida instituição. O trabalho, considerado um sucesso, rendeu prêmios para o professor e sua turma, artigos publicados e capítulo de livro produzido.

Este trabalho com os objetos biográficos de memória serviu de inspiração para esta pesquisa, pois notou-se a necessidade do trabalho transcender os muros da Universidade e chegar na educação básica, para alunos dos anos finais do ensino fundamental e para alunos do ensino médio, sobretudo nas comunidades ribeirinhas, onde o desnivelamento com a educação urbana, mesmo ocupando o mesmo espaço geográfico (Amazônia) é de um tamanho imensurável.

A pesquisa está organizada da seguinte maneira: Em um primeiro momento, será apresentada uma conceituação dos objetos biográficos, a memória e a oralidade enquanto ferramentas de pesquisa para o historiador. Logo em seguida, será abordada a experiência com os recipientes de memória sob a supervisão do professor Giovani José da Silva com os discentes da Universidade Federal do Amapá. Por conseguinte, uma breve discussão sobre o ensino de história enquanto disciplina escolar e o boicote das disciplinas pedagógicas por parte de alguns acadêmicos de licenciatura em história.

Em seguida será explanado sobre os objetos biográficos e o ensino de história. Logo após será apresentado uma análise sobre a educação no campo e uma de suas modalidades: A educação Ribeirinha. Posteriormente será apresentada ao leitor a Escola Família Agroecológica do Macacoari, seu corpo pedagógico e sua localização espacial. Seguidamente será explanado e analisado os resultados da intervenção pedagógica com os objetos biográficos de memórias nas comunidades ribeirinhas atendidas pela EFAM.

1 REMEMORANDO UMA VIDA ESQUECIDA: O CONTATO COM AS LEMBRANÇAS

Durante o caminhar pela vida, diversas são as situações que causam emoções, sejam positivas ou negativas. Com o passar dos anos, alguns destes episódios podem cair no esquecimento, pois a vida é dinâmica e o tempo passa. Entretanto, pode-se reviver estes acontecimentos ao entrar em contato com objetos que são, na maioria das vezes, carregados de lembranças. Este capítulo tem como objetivo demonstrar a importância dos objetos biográficos na constituição de vida das pessoas e as potencialidades da memória para o pesquisador.

O termo Objeto Biográfico foi conceituado pela primeira vez pela autora francesa Violette Morin em *L'objet Biographique* (1974). Morin, que traz um estudo tanto sobre a sociedade consumista, onde a relação com os objetos depende da moda do momento, também aborda a relação quase que indissociável que as pessoas possuem com os seus objetos. Segundo a autora, o objeto biográfico entra em sincronia com os seus donos, incorporando-o a sua vida e tornando-se insubstituíveis, e mesmo que já não tenham função social (o martelo que já não consegue pregar tão bem, ou o cachimbo que não acende mais) o objeto acaba sendo incorporado ao seu meio cultural, que acaba sendo passado de geração para geração.

Morin (1974) também afirma que: “Cada um desses objetos apresenta uma experiência, passada ou presente, de seu dono e faz parte da sua vida”. Os objetos acabam sendo incrementados a vida do seu possuidor, tornando-se imprescindíveis ao andamento da vida dos seus donos. Mesmo que se passem anos sem utilizá-lo ou ao menos pegar o referido objeto, um simples toque com as mãos basta para que a sensibilização aconteça. Segundo a autora francesa, é como se os objetos inanimados possuíssem alma e o simples contato evoca uma série de lembranças sobre lugares, pessoas e eventos, sejam tristes ou alegres, mas que de certa forma ajudam a complementar a vida de seus donos.

Ao falar sobre os objetos biográficos, é preciso falar também de oralidade. Os objetos ajudam a evocar lembranças, que podem se transformar em manuscritos, tornando possível a análise do pesquisador pela História Oral. Embora as memórias sejam seletivas, é inegável que a oralidade tem papel fundamental nas ciências humanas, principalmente quando o pesquisador passa a utilizar uma abordagem micro histórica, vide Carlo Ginzburg (1976) e Giovanni Levi (1985), que passaram a observar a história vivenciada por pessoas comuns, longe dos grandes conflitos políticos e econômicos, tornando a história oral uma importante ferramenta na pesquisa histórica e na construção de identidades históricas de um povo, de uma sociedade.

Walter Benjamin (1936) é outro autor que se propôs a debruçar-se na história oral como ferramenta de pesquisa para o historiador e para a análise das relações sociais. O referido autor pontuou sobre a memória familiar e a memória pública, analisando minuciosamente e chegando em alguns pontos de reflexão: notou-se que o âmago da memória coletiva era afetado por acontecimentos políticos e econômicos. Partindo desse ponto, a seletividade da memória perante os fatos e lembranças poderia ser vista como um perigo para a pesquisa histórica e para o historiador. Entretanto, Ecléa Bosi (2003, p. 21) afirma que:

Quando um acontecimento político mexe com a cabeça de um determinado grupo social, a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá a esse acontecimento. Portanto, uma das faces da memória pública tende a permear as consciências individuais.

Diante desta constatação, pode-se analisar as memórias coletivas com base nas percepções das memórias individuais, buscando compreender os eventos políticos que possam alterar as individualidades da memória. Entretanto, também há de se pontuar que puramente a memória, por seu caráter individual e seletivo, não pode ser considerada de forma unânime: em alguns casos, pode estabelecer contradições entre o que foi lembrado e o que de fato aconteceu, pois, as consciências individuais reagem de maneira singular a cada fato/evento na qual são expostas.

O pesquisador que opta por trabalhar com memórias como ferramenta de pesquisa é talvez o único que vivencia as emoções dos entrevistados ao lembrar um evento marcante em sua vida. O lado humano da pesquisa, longe de todo holofote acadêmico, é talvez uma das experiências que certamente transformam o pesquisador. E o trabalho com objetos biográficos tem lucros ainda maiores para o historiador. Sr. Manoel Pereira das Chagas¹, na casa dos seus noventa e dois anos de idade, sofre de Alzheimer. Hoje, morando com as filhas, tem poucas recordações de sua vida adulta, sua infância ou de sua adolescência. Porém, ao sentar-se na cadeira que ele mesmo comprara anos atrás, ele recorda os motivos que o fizeram adquirir o referido móvel. E brada com orgulho: “Esta cadeira é minha, eu que comprei”. Este fato lembra Ecléa Bosi (2003) que afirma: “As coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade”.

A memória, enquanto objeto de estudo para o historiador, é uma importante ferramenta para a compreensão de períodos históricos vivenciados por pessoas fora do eixo político econômico, onde geralmente o olhar dos pesquisadores ficam mais atentos, fechando as possibilidades micro históricas e concentrando-se nas possibilidades macro históricas. Diante

¹ Avô do referido pesquisador e uma das influências para esta pesquisa.

disso, o trabalho com oralidades, memórias e a História oral torna-se fundamental para os pesquisadores que optam por seguir a linha de pesquisa da História cultural, bem como a linha de pesquisa da história social. Por incluir pessoas comuns, sem grandes poderes aquisitivos ou sem poderios econômicos, esta linha de pesquisa geralmente trata dos personagens que se localizam à margem da sociedade, geralmente encaixotados dentro dos grandes eventos políticos e econômicos que marcam a história de uma determinada região ou localidade. É importante tornar explícito que este trabalho está atrelado a linha de pensamento da História cultural.

Conclui-se, neste primeiro momento, a oralidade, a história oral e a memória como pontos importantes na pesquisa histórica e ferramentas fundamentais para os historiadores. Os objetos biográficos são um tema que carece de maiores aprofundamentos, algo que o presente trabalho tenta realizar através de um outro viés: o pedagógico. A aplicação em sala de aula dos objetos biográficos.

2 RECIPIENTES DE MEMÓRIA E A EXPERIÊNCIA COM O CONTATO

Com o potencial já esclarecido e discutido dos objetos biográficos, consagrado por Violette Morin (1974), o professor Dr. Giovani José da Silva realizou uma intervenção pedagógica: adicionou o termo “de Memória” e aplicou a ferramenta em suas aulas de Seminário de Prática de Ensino de História IV, no primeiro semestre letivo de 2016, no Curso de Licenciatura Plena em História, turma de 2014, da Universidade Federal do Amapá.

A experiência reuniu trinta e três alunos e seguiu este roteiro: os alunos deveriam trazer um objeto de sua casa e explicar a escolha daquele objeto e o que ele representa em sua história de vida. Os objetos escolhidos ficavam a cargo dos alunos, que escolheram entre os mais diversos objetos que se pode imaginar, desde peças de roupas a fitas de vídeos em VHS. Os objetos biográficos ou “objetos biográficos de memória” podem ser definidos como:

[...] construções do mundo material sobre as quais são projetadas experiências de vida do seu possuidor. Como fonte de descobertas, o objeto biográfico ancora memórias e representações. O significado biográfico dado ao objeto é efetivado na presença constante desse elemento material na vida de seus proprietários. Pessoas e coisas não existem de forma separada. Os objetos biográficos contemplam significados simbólicos e idiossincráticos: “contam” a história de seus donos (ALMEIDA; AMORIM; BARBOSA, 2007, p. 102).

A proposta pedagógica aconteceu em uma das salas do bloco de História da referida Universidade. Constatou-se que as percepções e as aceitações dos alunos foram unânimes. As histórias contadas a partir dos objetos, as emoções, os sentimentos, os episódios. A sensibilização dos alunos ao contar suas lembranças, ao ouvir as lembranças dos colegas, com o discurso carregado de emoção, histórias de vida e de superação; teve lembrança da infância onde piadas sobre a forma física eram frequentes; lembranças de cartas apaixonadas de pai para mãe; de pessoas que já passaram para outro plano; entre outras histórias contadas por pessoas que optaram por cursar licenciatura plena em História, mas que nunca haviam parado para refletir sobre a sua própria história. O professor Giovani não ficou de fora e também levou o seu objeto, o que aprimorou a relação entre aluno e professor, e os discentes conseguiram compreender que na frente deles também existia uma pessoa carregada de sonhos, emoções, lembranças e com sua história.

A experiência como um todo durou aproximadamente um mês, contando também com a produção de um material escrito sobre o objeto biográfico de memória de qualquer colega de sua preferência, seguindo o critério de escolha com uma história na qual o aluno tenha identificação. O experimento pedagógico foi de todo um sucesso, segundo os relatos dos alunos da turma de licenciatura plena em História. As perspectivas para aplicação em sala de aula

foram diversas, entretanto, antes de elaborar um planejamento pedagógico para aulas de história, os futuros professores puderam vivenciar algo até então novo na academia: a percepção de si como sujeito histórico. Como ensinar história sem se reconhecer como sujeito histórico? Até então, mecanizados pela história factual e cronológica, os futuros docentes de história foram pautados para aprender e ensinar história em cima dos métodos que “dão certo” e que os mesmos já foram submetidos durante sua vida escolar.

Por conseguinte, a falta de identidade histórica faz com que os alunos criem estigmas sobre si, sobre sua localidade e sobre seu país, pois estudam histórias europeias dos grandes centros, de pessoas que viveram há muito tempo e que já tinham condições sócio econômicas mais favoráveis que as suas.

Goffman (1998), em suas análises, detectou que os indivíduos estigmatizados passam por transformações, sejam orais ou virtuais, e que essas transformações acabam moldando suas personalidades e acabam por determinar algumas condições sociais, econômicas e culturais sobre si próprios, inferindo sobre o rebaixamento de si próprio, de sua etnia, religião e condição, comparando-se com os sujeitos de fora do seu eixo.

O trabalho com os recipientes de memória resultou ao professor Giovani e a turma de licenciatura plena em História da Universidade Federal do Amapá, algumas premiações: o prêmio Professor Rubens Murillo Marques, em 2016, como uma das cinco práticas de ensino mais bem sucedidas em cursos de licenciatura no Brasil. Virou tema de capítulo de livro – Ensinando futuros professores: experiências formativas inspiradoras – em uma parceria da Fundação Carlos Chagas – FCC/Brasil e Harvard University/EUA. O capítulo do livro também aborda a história relatada por alguns alunos das suas percepções perante os objetos biográficos de memória e as emoções/sensações que afloraram durante a apresentação dos seus colegas. O professor, junto aos seus alunos, foi prestigiado por todo o Brasil com a sua prática de ensino, que resgatou os sujeitos históricos até então ocultos e trouxe perspectivas otimistas para o ensino de História no Estado do Amapá.

A intervenção pedagógica foi recebida pelos alunos de uma maneira visionária. Perguntaram-se: “Em qual disciplina nós esquecemos nossas condições sociais determinadas antes mesmo do nosso nascimento e passamos a falar abertamente de nossas emoções/sentimentos/sensações?”. O trabalho com objetos biográficos de memória evoca memórias. Objetos que foram atribuídos valores por pessoas comuns, sem grandes protagonismos políticos, econômicos ou revolucionários. Estudantes do Amapá que conseguiram se reconhecer como sujeitos históricos, iniciando a construção de identidade

histórica e consciência crítica, possibilitando assim que os docentes despertem em seus futuros alunos o mesmo sentimento/sensação.

Em vista disso, compreende-se história como a disciplina que possibilita a descoberta do aluno pelo aluno, da sociedade pela sociedade, e que as relações historicamente construídas determinaram a sua atual condição. E o passo inicial para isso está no reconhecimento da sua própria história e na importância deste fato para o decorrer da sua vida escolar e vida pessoal. Oriá (2006, p. 134) descreve a importância da história para o desenvolvimento do aluno.

Compreender quem somos, para onde vamos, o que fazemos, mesmo que muitas vezes pessoalmente não nos identifiquemos com o que esse mesmo bem evoca, ou até não apreciemos sua forma arquitetônica ou seu valor histórico. [...], pois é revelador e referencial para a construção de nossa identidade histórico-cultural.

A experiência, contudo, trouxe além dos prêmios, uma maior interação entre professor e aluno, pautada na perspectiva da dialogicidade abordada por Paulo Freire (2006). Um diálogo pautado na humanidade dos seres, ignorando momentaneamente seus títulos acadêmicos ou suas condições sociais. É o momento dos seres humanos em que a comunicação serve de alicerce para o questionamento do meio no qual estão inseridos. “O diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem” (FREIRE; SHOR, 1986, p. 64).

Diante desta construção de diálogo, os futuros professores analisaram as histórias que o cercavam desde o início de sua graduação, mas que nunca haviam sido ouvidas. São histórias simples, de pessoas simples, mas que trazem consigo um imenso significado. Os objetos biográficos de memória foi um mergulho dentro de si mesmos e dentro da história do outro.

Os alunos, segundo o professor Giovani José da Silva, poderiam despertar uma visão mais positiva sobre si mesmos, sobre suas histórias e um possível desenvolvimento de senso crítico, através da conscientização, seguindo a linha de pensamento de Paulo Freire (2006, p. 30), que afirma:

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica.

A experiência pedagógica foi além dos muros da universidade. O trabalho com objetos biográficos de memória instigou ao debate dos alunos sobre a história que é ensinada dentro de sala de aula. Folheando os livros didáticos, os futuros professores questionaram: onde estão as pessoas? As crianças? Os idosos, os negros, as mulheres, pessoas não cristãs dentro da história?

De fato, a história contada de maneira factual e cronológica acaba soterrando as possibilidades de estudo dos povos considerados excluídos dos processos históricos.

No Brasil, por exemplo, é comum que os alunos da Educação Básica estudem a proclamação da República sob a ótica dos grandes personagens: monarquistas, exército e republicanos. No próprio processo a grande massa já estava excluída, como proferiu Aristides Lobo (1889): “O povo assistiu a tudo bestializado”. Excluídos dos processos históricos, a grande massa da sociedade, onde estão a maioria das pessoas, acaba por demonstrar indiferença ao estudar história sob estas perspectivas.

A disciplina de Seminário de Prática de Ensino de História IV demonstrou ser possível ensinar história sob outras perspectivas e com várias possibilidades – os objetos biográficos de memória, por exemplo, são uma destas possibilidades – e o diálogo professores e alunos, demonstrando que é possível sair do “pedestal docente” e ouvir os estudantes. O trabalho com os objetos reconheceu sujeitos históricos, os futuros professores e os discentes podem trabalhar com esta metodologia dentro de sala de aula, orientando seus alunos e despertando os sujeitos históricos que permanecem ocultos em grandes partes dos centros de ensino Brasil afora. Os recipientes de memória estão inclusos dentro das intervenções pedagógicas denominadas de Novas Linguagens para o Ensino de História, que envolvem a prática de cinema, teatro, literatura, música, história em quadrinhos, fabricação de jogos educativos, entre outros.

Por conseguinte, o trabalho com objetos biográficos de memória redefiniu a visão de parte dos alunos que participaram da experiência, sobre ser professor e sobre lecionar história em sala de aula. Muito se questiona o papel do docente de história em sala de aula, e os métodos por ele utilizados. Qual seria o papel da História? Uma relembração do passado limita as ricas infinitas possibilidades que a disciplina pode oferecer para os estudantes da Educação Básica. Entretanto, existe uma preciosa função que a história oferta para os alunos: a construção de identidade histórica e o reconhecimento de sujeitos históricos. Foi exatamente estas características que os alunos da turma de licenciatura plena em História da Universidade Federal do Amapá relataram, ao contarem as suas experiências com os objetos biográficos de memória.

Diante destas constatações, os futuros professores poderão construir novas relações de ensino e aprendizagem com os alunos, desconstruindo a ideia do “pedestal docente” que alguns professores se estabelecem, soterrando o diálogo entre docente e estudante. Para Fernández (1991), “só há aprendizagem na presença de vínculos positivos entre aquele(s) que ensina(m) e aquele(s) que aprende(m)”. Para Davis e Rigolon (2020, p. 22):

[...] não se aprende com qualquer pessoa e, sim, com aquelas que nos inspiram confiança e que têm, para nós, legitimidade para nos ensinar. Como mostra a ampla tradição da Psicologia do Desenvolvimento, a cognição depende da afetividade, pois é essa última que impulsiona toda ação, inclusive a mental.

Deste modo, pode-se concluir que a relação docente e estudante é essencial para o processo de ensino aprendizagem. Mais que ensinar e aprender, o docente precisa estabelecer uma relação de diálogo que seja pautada em afetividade e respeito mútuo. A experiência com os objetos biográficos de memória estreitou as relações entre alunos e professor, o que facilitou o andamento da disciplina e o prosseguimento do curso. A relação história e emoções, uma união até então impensável para os padrões universitários educacionais, funcionou de maneira ímpar na formação dos futuros docentes, juntamente com as novas linguagens para o ensino de história e especificamente o trabalho com os recipientes de memória, fomentou debates e alinhou visões pedagógicas acerca das metodologias voltadas para o ensino de história.

Torna-se importante ressaltar que os estudantes participantes da intervenção pedagógica com os objetos biográficos de memória foram unânimes ao apontar as beneficências que a experiência trouxe para estes discentes, as emoções transbordadas e as estratégias para se trabalhar em sala de aula em um futuro próximo. O trabalho com os objetos possibilitou que futuros professores olhassem para si como sujeitos históricos, algo que nenhuma outra disciplina do curso de graduação tivera feito. Os próprios alunos também questionaram a visão por vezes anacrônica do ensino de história, onde os agentes históricos “comuns” não aparecem, onde prevalece a visão cronológica dos fatos e a datas comemorativas como pontos centrais do ensino de história.

Pontua-se também que o trabalho com os objetos biográficos de memória acentuou a chamada educação patrimonial, compreendida por Haigert (2006, p. 146) como “a proposta de utilizá-los como recursos educacionais”. Visto que os objetos de memória constituem patrimônios materiais e/ou imateriais. Um ponto importante foi a acentuação da relevância de museus, ora vistos apenas como depósito de velharias. Sob este novo olhar, os museus passaram a ser vistos, como salienta José da Silva (2016, p. 07), da seguinte forma:

Outro aprendizado importante foi que os museus passaram a ser vistos e sentidos como espaços de revitalização de memórias e como aliados ao ensino de História, ao contrário do que boa parte dos participantes do projeto imaginava até então.

Os resultados obtidos com o trabalho dos objetos biográficos de memória foram considerados um sucesso, tanto por alunos quanto pelo professor mediador. Uma barreira entre docente e estudantes foi rompida, tornando o diálogo ainda mais acessível e fazendo com que os futuros professores questionassem a história pela qual foram ensinados desde a sua vida

escolar na educação básica até o ensino superior na graduação. E o “velho” tornou-se novo, ajudando a construir a história dos alunos. Bittencourt (2004, p. 355) afirma que:

A potencialidade de um trabalho com objetos transformados em documentos reside na inversão de um “olhar de curiosidade” a respeito de “peças de museus” — que, na maioria das vezes, são expostas pelo seu valor estético e despertam o imaginário de crianças, jovens e adultos sobre um “passado ultrapassado” ou “mais atrasado” — em um “olhar de indagação”, de informação que pode aumentar o conhecimento sobre os homens e sobre sua história.

Por fim, conclui-se que os objetos biográficos de memória foram de fundamental importância para os alunos, despertando o sentimento de agente históricos e protagonistas de suas histórias. Acreditando na proposta, o processo de transformação didática torna-se mais viável, uma vez que os discentes passam a acreditar no que vão passar em suas futuras aulas de história. A relação professor e aluno, pautada no diálogo para uma melhor experiência do processo de ensino aprendizagem, como aponta Paulo Freire (2006), foi alinhado e os laços estreitados. As novas linguagens para o ensino de história, onde estão inseridos os objetos de memória, tornaram-se uma importante ferramenta metodológica para o professor de história em sala de aula. Ressaltando que em nenhuma hipótese, seja qual for a abordagem pedagógica utilizada, não poderá substituir o papel do professor em sala. É dever do professor o comando de classe, o domínio dos conteúdos e o andamento das suas atividades.

O epílogo descrito neste capítulo foi a conceituação e apresentação dos objetos biográficos e a intervenção pedagógica do Professor Giovani em suas aulas de Seminário de Prática de Ensino de História IV, provocando emoções, sentimentos e novas perspectivas para os docentes do curso de licenciatura plena em história da Universidade Federal do Amapá, ingressantes no ano de 2014 na referida instituição. Conceituando também as linhas educacionais, como os métodos freireanos e as novas linguagens para o ensino de história, utilizadas na elaboração deste segundo capítulo sobre os objetos biográficos de memória.

3 OBJETOS BIOGRÁFICOS DE MEMÓRIA E O ENSINO DE HISTÓRIA

O ensinar história se faz necessário para a sociedade que constantemente esquece o seu passado e não problematiza o seu presente. O professor, o aluno, a comunidade, o estado, o país, o mundo, todos fazem parte da história da humanidade. Entretanto, as metodologias aplicadas e o modelo de ensino nem sempre favorecem para que aconteça o diálogo, a reflexão e a autonomia de pensamentos. Neste capítulo, será debatido sobre o ensino de história, a disciplina enquanto componente escolar e o boicote de alguns discentes com as disciplinas pedagógicas na graduação.

Para que estudar história? A pergunta embora possa ser facilmente respondida por professores e alunos de curso de graduação em história, causa dúvidas nos alunos. E a incógnita ganha força com metodologias de ensino tradicionais sob a ótica do tripé pedagógico que fundamenta grande parte da história da educação no Brasil: Professor-Quadro-Aluno. Ao entrar em contato com as ciências exatas, é comum que os alunos da educação básica encontrem mais “sentido”. Na matemática simples, a operação $1+1=2$ sempre terá o mesmo resultado, o que determina a exatidão de sua ciência. Com as humanidades, graças a estudos e pesquisas, não existem verdades absolutas e nesse caso se encontra a “confusão” que os alunos podem observar no estudo de história.

No Brasil, o ensino de história passou por profundas transformações. Seja na disciplina e seus olhares temáticos, seja nas metodologias aplicadas em sala. Na década de 60, durante a ditadura militar (1964-1985) a disciplina foi incluída na recém criada Educação Moral e Cívica e apresentava apenas um mosaico do que aconteceu na história mundial. Com carga horária reduzida e com profissionais com formação insuficiente (as chamadas licenciaturas curtas) o ensinar história estava pautado em repassar acontecimentos mundiais sob a ótica dos grandes personagens, excluindo pessoas que historicamente sempre foram excluídos da humanidade: Mulheres, crianças, idosos, negros, pessoas não cristãs, homossexuais, indígenas.

Entretanto, nos anos 90, com a expansão do neoliberalismo nas dimensões econômicas do país, fez com que a educação fosse alterada, juntamente com as leis de diretrizes e bases, que regulamenta as formas educacionais no Brasil. A disciplina História ganha autonomia, como aponta Fonseca (2003):

História passou a ser tratada como disciplina autônoma nas últimas séries do fundamental e ampliou seu espaço em nível médio. O conteúdo da história ensinada assumiu diferentes imagens nos diversos espaços onde se processam os debates, as discussões, as reformulações, visando revalorizá-la como campo de saber autônomo fundamental para a formação do pensamento dos cidadãos (FONSECA, 2003. p. 26).

Com a promulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), que passaram a servir como norteadores de alguns aspectos fundamentais de cada disciplina, o ensino de história passou a ter olhares mais “nacionais” no que diz respeito a conteúdo. História do Brasil ganhou mais espaço nos currículos escolares, embora o olhar ainda esteja centrado na história eurocêntrica da humanidade.

Após essas mudanças, é seguro afirmar que o ensino de história no Brasil teve alterações significativas no seu modo de analisar, investigar e problematizar as ações humanas. Personagens até então excluídos dos conteúdos de história, passaram a ganhar mais visibilidade. Este fato pode ser utilizado para explicar o motivo de estudar história: Compreender que a história também é composta de pessoas simples que não são percebidas em livros didáticos e em grandes processos históricos. Tem como uma de suas funções primordiais demonstrar que todas as pessoas são sujeitos históricos, que são partícipes de uma história, que também é a história da humanidade.

Diante disso, entra em análise os métodos aplicados em sala de aula pelo professor para o ensino de história. O método tradicional, embora considerado um modelo inadequado de ensino, ainda norteia grande parte das aulas de história, seja na educação básica, seja na formação do professor. Criou-se uma narrativa errônea de que para ensinar história, basta dominar os conteúdos de história. Esta ideia preconcebida que acompanha grande parte dos cursos de licenciatura nas universidades, tem impactos na educação básica. Aulas verborrágicas sem diálogo entre professor e aluno, conteúdos desconexos com a realidade regional e que, na maioria das vezes, não tem sentido algum para os alunos. Para Fonseca (2003, p. 63):

Trata-se de um modelo inadequado ao campo de ação do profissional docente, regido pela lógica disciplinar e aplicacionista e que, historicamente, cumpre funções ideológicas, epistemológicas e institucionais precisas na organização e na manutenção do status quo. O exercício da docência consiste no domínio, na transmissão e na produção de um conjunto de saberes e valores por meio de processos educativos desenvolvidos no interior do sistema de educação escolar.

O boicote dos alunos de licenciatura em história das matérias pedagógicas tem reflexo nas salas de aula: Sem metodologia de ensino, o professor acaba realizando uma transposição didática, que seria apenas uma repetição da hierarquização do ensino. Este fato, aliado as visões eurocêntricas da aprendizagem, afastam os alunos das aulas de história e contribuem para a fama ingrata que a disciplina carrega em algumas salas de aula da educação básica: “Matéria que só fala do passado e de um passado bem distante”.

4 NOVAS LINGUAGENS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Com o avanço das pesquisas sobre a aprendizagem histórica, vários métodos passaram a ser observados, testados e aprovados para o avanço do diálogo e da aplicação dos temas transversais em sala de aula: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo e Pluralidade Cultural. Trata-se das novas linguagens para o ensino de história, que servem de auxílio para os professores de todas as áreas da educação básica. As novas linguagens têm como objetivo tratar os conteúdos, neste caso, os conteúdos históricos de uma abordagem diferente da tradicional. Neste capítulo será feita uma breve discussão metodológica sobre o ensino de história e a apresentação dos objetos biográficos de memória como método introdutório para o início do ano letivo.

É importante destacar que o presente trabalho não tem a perspectiva de abolição dos métodos tradicionais de ensino, mas sim problematiza-lo e apontar direções que vão além do mesmo. Para Bittencourt (2005, p. 229):

Outro aspecto que deve ser levado em conta no processo de renovação é o entendimento de que muito do “tradicional” deve ser mantido, porque a prática escolar já comprovou que muitos conteúdos e métodos escolares tradicionais são importantes para a formação dos alunos e não convém serem abolidos ou descartados em nome do novo.

Segundo a autora, um dos problemas em adicionar a renovação no ensino é que pode ocorrer em detrimento do “velho”. Para Camargo (2017) a utilização das novas linguagens não deve ser o fim didático e sim um suporte para a aprendizagem histórica. O autor ainda diz o seguinte:

Nesse sentido, o aporte teórico da Educação Histórica nos parece fundamental para pensar esse aspecto da questão. Por esse viés, pensamos, as novas linguagens devem ser usadas como meios – ou recursos didáticos – para atingir o que Rüsen denomina como “aprendizagem histórica” (CARMARGO, 2017, p. 3).

Karnal (2009, p. 9) também aponta para o problema de tornar as novas linguagens como o suprassumo das aulas de história:

Há algumas décadas, houve um equívoco expressivo na modernização do ensino. Julgou-se que era necessário introduzir máquinas para ter uma aula dinâmica. Multiplicaram-se os retroprojetores de slides e, posteriormente, os filmes em salas de aula [...]. Que seja dito e repetido com exatidão: Uma aula pode ser extremamente conservadora e ultrapassada contando todos os mais modernos meios audiovisuais. Uma aula pode ser muito dinâmica e inovadora utilizando giz, professor e aluno. Em outras palavras, podemos utilizar meios novos, mas é a própria percepção de História que deve ser repensada.

Os autores citados entram em concordância quanto a utilização das novas linguagens para o ensino de história. Entretanto, há ressalvas: Não se pode tornar esta metodologia como o produto completo da aprendizagem. Em outras palavras, os autores reconhecem a importância das novas linguagens e de novos métodos para o ensino de história, mas buscam pontuar que o professor é insubstituível em sala e que de nada adianta os métodos serem inovadores, se o docente ainda pensar de maneira retrógrada quanto a ensinar história. Como exemplo, os alunos de licenciatura que acreditam que história é apenas uma repetição de conceitos, fatos e cronologias.

Diante desta perspectiva, a presente pesquisa apresenta um método introdutório para o ensino de história: Os objetos biográficos de memória, que são objetos carregados de valor, de sentimentos e com muita história de vida das pessoas. O objetivo da utilização desta metodologia é para que os aprendizes se reconheçam como partícipes de uma história, como sujeitos históricos e que fazem parte de uma história, que também é a história da humanidade. Cada objeto carrega consigo uma narrativa tocante na vida dos alunos e fazê-los reconhecer como sujeitos históricos é um pontapé inicial perfeito para um ano letivo, seja na Educação Fundamental II, seja no ensino médio.

O objetivo deste trabalho é baseado no capítulo nove do livro *Ensinando Futuros Professores: Experiências Formativas Inspiradoras*, organizado por Gabriela Miranda Moriconi. O capítulo aborda a experiência ministrada pelo professor Giovani José da Silva na turma de licenciatura plena em História da Universidade Federal do Amapá. A proposta de intervenção com os objetos de memória pode possibilitar a conscientização, instigando os alunos para uma autonomia de pensamentos, como aborda Freire (2006, p. 30):

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica.

O Ensino de História encara um problema crônico em aulas da disciplina pelo Brasil afora: A falta de sensibilidade, de conscientização e de despertar a autonomia de pensamento. Aulas expositivas, mas, sobretudo, conteúdos desconexos com a realidade local. O acúmulo excessivo de história mundial e o mínimo de história local, pode promover um afastamento dos alunos com a disciplina, entoando o coro de que o professor só ensina “Coisas do passado que nada dizem no presente”. A experiência com os objetos biográficos também serve para quebrar esses paradigmas e analisar uma história na qual o aluno esteja inserido, promovendo uma apreensão sobre si mesmos enquanto agentes, sujeitos, protagonistas de sua própria história que também é a história da humanidade.

É preciso estar atento as novas metodologias, inovando sempre que preciso e preservando aquilo que dá certo no seu modo de entender. Faz-se necessário ter a sensibilidade para lidar com alunos e seus modos de pensar, analisar, sonhar com o mundo. O professor de história, sobretudo, pode servir de alicerce para que as crianças possam reconhecer a sua história enquanto sujeitos históricos, criando uma consciência crítica e uma autonomia de pensamentos.

Ao trabalhar com os objetos biográficos, o professor também precisa ter domínio de classe. Precisa exalar autoridade, mas não autoritarismo. É inspirando os alunos que a autoridade é conquistada, respeitando os alunos como seres cheios de sonhos, desejos e vontades. Como salienta Davis (2020, p. 221):

Essa autoridade manifesta-se de diferentes maneiras: pelo exemplo daquilo que se espera legar aos Outros, do ponto de vista profissional, como pontualidade, educação, paciência, aulas bem planejadas; pela confiança que inspira, ao agir ética e moralmente diante de toda a classe e de cada aluno.

Alguns professores confundem autoridade com autoritarismo e exigem respeito, sem exibir nenhum tipo de confiança para os alunos. A construção de diálogos que possibilite um afunilamento entre os partícipes do processo de ensino aprendizagem, torna-se fundamental para a harmonia em sala de aula, sobretudo em aulas de história. Os objetos biográficos de memória podem ser úteis para aprimorar a elaboração deste diálogo, tornando-se um método introdutório importante para o decorrer do ano letivo.

Entretanto, o projeto dos objetos biográficos pode fazer surgir situações emotivas extravagantes. Por tratar com o íntimo das pessoas e despertar emoções, os alunos podem ficar emocionalmente abalados e saírem do controle, o que pode envolver todos os alunos presentes e o professor, colocando a prova a integridade física e moral dos participantes presentes. Para isso o professor precisa de domínio de classe para tratar situações como esta. Falar sobre a vida é relembrar situações alegres, tristes e até de revoltas. É necessário que o professor esteja preparado para lidar com situações deste tipo em sala de aula.

Os objetos de memória, que estão inseridos no conjunto das novas linguagens para o ensino de história, se apresentam como alternativas viáveis para o professor. Não foram pensadas para ser um contraponto ao chamado ensino tradicional, mas sim para problematizá-lo e levantar questões que podem contribuir para aprimorar os seus métodos. Com o avanço das tecnologias existentes e as possibilidades que cercam os alunos, é de competência do professor de história elaborar/planejar suas aulas, alinhando-as com a realidade local, diminuindo a distância cronológica dos alunos com a disciplina História, estimulando o raciocínio histórico,

o reconhecimento dos partícipes enquanto sujeitos históricos e o incentivo para uma consciência crítica.

5 HISTÓRIA E EDUCAÇÃO NO CAMPO: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO RIBEIRINHA

A educação no campo é um desafio: seja para professores, alunos ou poder público. Por conciliar a vida cotidiana das pessoas com a escola, trabalhar com educação para comunidades ribeirinhas é lutar contra percalços que podem ser pedagógicos, financeiros e políticos. No entanto, as comunidades do campo precisam de massivação da educação, para que as pessoas possam ter alternativas, já que desde sempre são instruídas a permanecer no local com as mesmas condições sócio econômicas. E o ensino de história tem muito a contribuir com essas comunidades. Neste capítulo será abordado sobre a educação no campo e uma de suas modalidades: A educação ribeirinha e os desafios enfrentados por professores, alunos, Escola e comunidades ribeirinhas no quesito pedagógico educacional.

Segundo Silva (2018) a “educação nasce da relação do homem com o mundo social e se consolida através de suas práticas culturais”. Partindo deste pressuposto teórico, é seguro afirmar que a educação no campo se modifica da educação urbana por conta das suas particularidades. Neste caso, a educação rural precisa estar atrelada a realidade social vivenciada pelos seus moradores. Se em um passado não tão distante ocorria um êxodo rural educacional, com a debandada dos alunos para os grandes centros urbanos em busca de uma “melhor” educação. Nos dias atuais este fenômeno já está mais raro: Com o avanço da educação no campo e construções de escolas, os pais e os alunos já consideram permanecer nos seus locais de origem.

Uma das modalidades da educação do campo é a educação ribeirinha, que abrange as comunidades ribeirinhas no processo educacional. É possível analisar a educação ribeirinha com percalços ainda mais profundos que a educação no campo, pois a distância acaba por ser um fator determinante que impede as ações de políticas públicas por parte do Estado. A educação ribeirinha permite a formação do aluno pelo aluno através dos conhecimentos prévios que as crianças, jovens, adultos e idosos vivenciam no seu cotidiano, com a escola moldando o fator pedagógico.

Entretanto, existem desafios a serem enfrentados pelos professores e a comunidade em geral sobre as escolas ribeirinhas: O pouco caso do poder público com a educação no campo e o preconceito estabelecido por alguns educadores que rejeitam trabalhar “no mato”. Como afirma Oliveira (2015, p. 86):

Feita de madeira na forma de palafita, assim como a maioria das moradias ribeirinhas, essa escola era composta por uma sala de aula e um compartimento que servia como almoxarifado, depósito, copa e quarto do professor (quando necessário). A sala de

aula possuía dois quadros de escrever opostos pelas paredes, nos quais a professora ensinava conteúdos diferenciados para os alunos, agrupando-os de acordo com a série/ano: 1º ano, 1ª e 2ª séries de um lado, 3ª e 4ª séries de outro.

O autor que trabalhou com escolas ribeirinhas do Município de São Domingos do Capim, no estado do Pará, aponta para o fato de que as escolas ribeirinhas em território amazônico, apesar de ocuparem geograficamente o mesmo espaço, possuem singularidades que as tornam únicas em suas comunidades. No entanto, o autor também aborda para as aproximações entre espaço físico, linha de pensamento pedagógico e social. Nessa perspectiva, as escolas rurais estão distantes das políticas públicas educacionais do estado, o que torna bastante desafiador o processo de ensino aprendizagem.

Por conseguinte, há ainda outro fator que torna a educação ribeirinha um ambiente pedagógico bastante peculiar: A ausência de professores para essas áreas, seja por falta de movimentação do poder público, seja pela opção dos professores em seguir em ambientes urbanos. Este fato causa impactos na educação rural: A escassez de docentes sobrecarrega os professores que optam por seguir na educação do campo e faz surgir, de maneira improvisada, docentes da própria comunidade, mesmo sem formação acadêmica, como aponta Oliveira (2015, p. 84):

No contexto da pesquisa, foi possível perceber que os professores não possuíam formação em nível superior para o exercício docente. Na maioria das vezes, alunos das próprias comunidades eram convidados, devido à carência de profissionais para atuar nessas classes.

A educação ribeirinha, embora tenha seus percalços, traz consigo também as suas particularidades que merecem destaque. Tem como objetivo de não separar os indivíduos de sua realidade. Essa linha de pensamento vai de discordância com uma educação eurocêntrica, contada pelos grandes centros econômicos e que nada tem a dizer para esses alunos ribeirinhos. São crianças, jovens e adultos que dividem o tempo entre estudos e a vida ribeirinha. São lotados de cultura, produzem conhecimentos tradicionais sem os saberes científicos. A educação se dissemina nas comunidades através do direito consuetudinário, onde os professores não tem diplomas de exercício da docência; São sujeitos conhecedores do mundo e seus segredos.

Os processos que constituem a cultura ribeirinha se distinguem da cultura urbana, mesmo que ocupem o mesmo espaço geográfico (Amazônia). Nesta perspectiva, pensar educação na Amazônia requer levar em conta, sobretudo, a diversidade de cada região com ênfase nos diferentes modos de vida, valores, práticas sociais, culturais e educativas. Entender que a Amazônia se constitui de diversas formas e saberes e que os sujeitos possuem

singularidades mesmo ocupando a mesma região, é o que torna a região amazônica rica em diversidade cultural

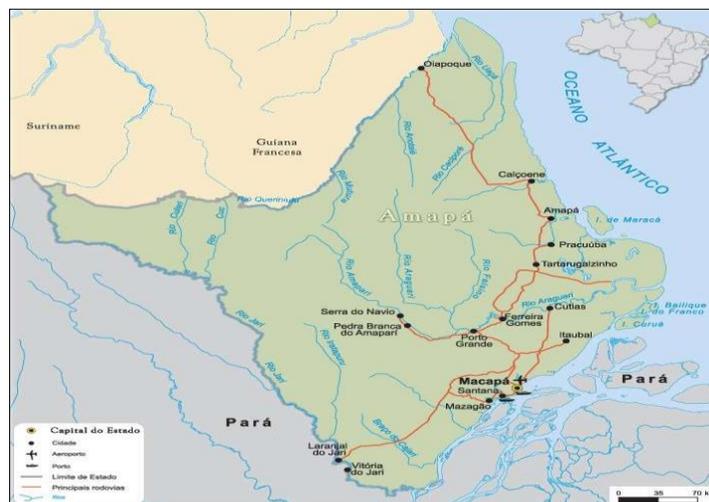
É necessário pensar a educação no campo, a educação ribeirinha, a partir dos sujeitos do campo, visando melhorar o nível pedagógico da educação e conseqüentemente a qualidade de vida, como aponta Silva (2012). A escola deve pautar as suas ações pedagógicas nesta linha de pensamento que visa aproximar os sujeitos e a realidade na qual estão inseridos.

6 ESCOLA FAMÍLIA AGROECOLÓGICA DO MACACOARI - EFAM

Localizada no município de Itaubal, distante cento e doze quilômetros da capital Macapá, no estado do Amapá (vide figura baixo), a Escola Família agroecológica do Macacoari trabalha com a pedagogia da Alternância, que consiste em momentos em que os alunos alternem entre a escola e a sua casa, passando sete dias dormindo nas dependências da escola, regressando para a sua comunidade no término do período, regressando após sete dias para a escola família.

Este modelo de ensino teve origem na região sudeste da França, em 1935, quando a Igreja e os agricultores adotaram medidas para manter os estudantes nas comunidades e ao mesmo tempo oferecer curso técnico pedagógico. Com isso, criou-se as bases para a pedagogia da Alternância, que no Brasil, chegou em 1969 no estado do Espírito Santo, onde foram construídas as três primeiras Escolas Famílias Agrícolas do país. As EFAS podem ser agrícolas, agroextrativistas, agroecológicas, agrárias², entre outras. No Amapá, a primeira Escola Família Agrícola surgiu no distrito de São Joaquim do Pacuí, em 1989.

Figura 01: Estado do Amapá



Fonte: <https://www.guiageo.com/amapa.html>

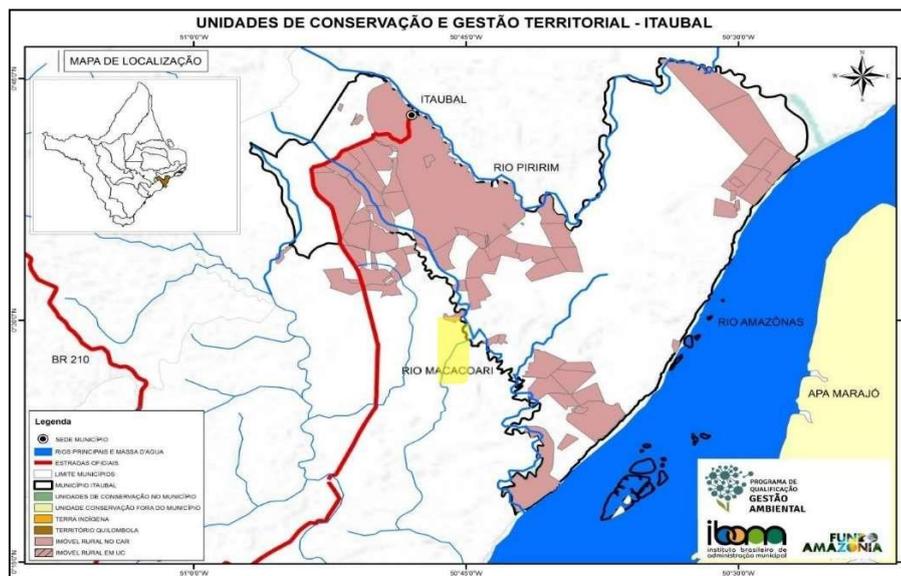
A Pedagogia da Alternância tem como princípios fundamentais o equilíbrio entre a produção familiar, seja de subsistência, seja de fomentação de renda, e a formação teórica pedagógica dos alunos, com disciplinas que também são lecionadas no meio rural, como História, Geografia, Língua Portuguesa, entre outras.

² O eixo temático da escola é delimitado pela produção das comunidades atendidas pelas EFAS. No caso da região do Macacoari, as comunidades fazem uso da agricultura, da floresta e do rio Amazonas, justificando o termo agroecológica, e trabalha nesta linha de pensamento da agroecologia.

Segundo Cardoso (2007) a pedagogia da alternância nas Escolas Família visa também a formação integral do aluno, valorizando seu conhecimento prévio, que antecede seu contato com a escola. Ainda segundo a autora, por meio da associação entre escola, comunidade e a utilização de suas ferramentas favorecem as ações associativas, o que ajuda a explicar a diferença das Escolas Famílias das demais escolas do campo. O objetivo da Pedagogia da Alternância e da criação das Escolas Família é de valorizar o meio em que o aluno está inserido, preservar a sua localidade e pensar em ações que tenham como finalidade a preservação do ambiente aliando com a formação técnico pedagógica que a Escola disponibiliza.

Para chegar na escola, é somente possível através de embarcações, que são popularmente conhecidas como “voadeira”, “Catraio” ou “rabeta”. Saindo da capital Macapá há duas saídas para a escola: A primeira fica localizada no Igarapé das Mulheres, no bairro Perpétuo Socorro, zona leste da cidade. A outra saída é um pouco mais longe: Localizada na comunidade Lontra da Pedreira, distante trinta e seis quilômetros de Macapá. O tempo médio que leva para chegar na escola é variável entre uma e quatro horas de viagem, dependendo da maré do rio e da embarcação escolhida para chegar na Escola Família. Saindo pelo Lontra da Pedreira com qualquer embarcação, é necessário passar pelos rios Pedreira, Furo, Ipixuna, Bacaba, Amazonas e no Macacoari, este último onde está localizada a escola. A seguir, uma foto da região do Macacoari, onde se localiza a EFAM.

Figura 02: Região do Macacoari



Fonte: Sistema Nacional de Cadastro Ambiental Rural – SICAR.

Legenda: Em amarelo, está marcado a região onde se localiza a comunidade.

A EFAM foi inaugurada no dia 14 de junho de 2014, na gestão do então governador do Estado do Amapá Camilo Capiberibe. Um dos seus fundadores é o Sr Adenilson Côrrea, que além de estar na escola desde a sua criação, é também presidente da Associação da Escola Família, associação essa que hoje, através de parcerias, é a mantenedora da escola. Após a sua criação, a Escola ainda viria a receber, no ano de 2018, auxílio do governo do Estado. Desde então, a Associação da Escola Família do Macacoari é quem mantém a escola, contribuindo para a contratação de professores, aquisição de materiais e de reformas no espaço físico da escola. Conforme a figura abaixo, a EFAM se mantém distante geograficamente tanto da capital do Estado do Amapá, quanto dos investimentos do poder público.

Figura 03: Entrada da Escola Família Agroecológica do Macacoari (ao fundo, a placa que sinaliza a entrada em que a embarcação deve adentrar para chegar na escola)



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Atualmente a escola atende alunos de cinco comunidades próximas: Ipixuna grande, Ipixuna Miranda, São Tomé, Foz do Macacoari e Bacaba, esta última ainda pertencente ao município de Macapá. Com uma educação voltada para os anos finais da educação fundamental e ensino Médio, com alunos na faixa etária de doze a vinte e três anos. A escola conta com refeitório, quatro salas de aulas e com alojamentos masculino e feminino. Também dispõe de horta, tanque de peixes e criação de animais como porco e galinha. O recinto escolar está sem o recurso do fundo nacional da educação, o que faz com que a escola precise ser auto sustentável

e necessite diretamente da ajuda da Associação Da Escola Família do Macacoari para o seu funcionamento.

A escola adotou o sistema de módulos. Funciona da seguinte maneira: As disciplinas escolares são divididas em três módulos. O módulo I comporta quatro disciplinas para os anos finais do Ensino Fundamental e cinco disciplinas para o Ensino Médio. Já no módulo II comporta cinco disciplinas para os anos finais do Ensino Fundamental e quatro para o Médio. Por fim, no módulo III, comporta quatro disciplinas para os anos finais do Ensino Fundamental e três disciplinas para o Ensino Médio. A disciplina história está inserida no módulo II, que geralmente acontecem segundo semestre. O currículo está pautado em associações do modo de vida e da produção familiar com os conteúdos. No entanto, os conteúdos contêm uma visão cronológica dos eventos e a história factual da humanidade. A seguir, uma foto da entrada da EFAM.

Figura 04: Escola Família Agroecológica do Macacoari



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

7 OBJETOS BIOGRÁFICOS DE MEMÓRIA E COMUNIDADES RIBEIRINHAS: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Diante do apresentado até aqui, das discussões e apresentações de conceitos, eis que surgiu a necessidade da elaboração de uma proposta de intervenção pedagógica, no ensino de história, na Escola Família Agroecológica do Macacoari e nas comunidades ribeirinhas que a escola atende. Como debatido anteriormente, hoje o ensino de história também se constitui através das novas linguagens para o ensino, e os objetos biográficos de memória aqui tratados são vistos como excelentes métodos introdutórios pedagógicos em sala de aula.

Uma intervenção pedagógica se faz necessário quando os alunos apresentam dificuldades em aprender e relacionar os conteúdos, conceitos e exercícios escolares. Na educação ribeirinha, essa desarmonia surge e ganha força na medida em que os alunos não conseguem compreender o sentido das aulas, preterindo o trabalho na roça ou no rio do que o ambiente escolar, que mesmo estando geograficamente próximo ao aluno, pedagogicamente, às vezes, pode se mostrar desconexo com a sua realidade, o que pode provocar evasão escolar. Na EFAM, o processo de evasão escolar acontece, assim como em outras escolas.

Sendo assim, para uma melhor experiência no processo de ensino aprendizagem, uma intervenção pedagógica será efetuada, através dos objetos biográficos de memória. Segundo Marinho (2020, p. 211):

A intervenção pedagógica para a presente pesquisa se define a partir de Bassedas et al. (1996) que pontua ser a ação interventiva uma forma de compreender como se dá o processo ensino e aprendizagem com verticalidade em formas de se ensinar que acessem o aluno, constituindo significado, sentido e significância na construção do conhecimento. Sendo que pontua como imprescindível que os alunos sejam participantes do processo como sujeitos ativos.

O trabalho com os objetos vem no tocante de estimular os alunos para uma aula em que certamente não estão acostumados a ter. O estímulo é justificado por Vós (1994, p. 195):

As crianças aprendem brincando e explorando e é a sala de aula convencional que precisa ser reestruturada. O segredo: Transformar a brincadeira em experiências de aprendizagem e assegurar-se de que toda aprendizagem seja divertida. Na verdade, as coisas que os pais mais bem-intencionados não valorizam constitui geralmente a melhor parte para aprendizagem inicial.

Os objetos também constituem uma peça importante no processo de estimular os alunos: São objetos concretos, que os alunos podem tocar, sentir, refletir. Essa concretude da metodologia é apontada por Antunes (1999) como um dos pontos a serem abordados pelo professor em sala, dando ênfase a lucidade em sala de aula a seu favor, o que pode aumentar o

sucesso na aprendizagem, despertando a facilidade em assimilar objetos concretos no lugar de assuntos meramente escritos no quadro branco.

Ao professor, sobretudo ao professor de história, é necessário que seja sempre atualizado e que pense em novas abordagens para as aulas. No caso dos alunos ribeirinhos, nadaou muito pouco tem a dizer os profissionais que apenas repetem conteúdos com visões eurocêntricas. Nesse sentido, aponta Miranda (2009, p. 7):

O bom professor precisa ser compromissado com seu trabalho, dispor de conhecimentos para tomar decisões, ter raciocínio claro para resolver problemas, ampliar sua análise da realidade, ser curioso e desconfiar das aparências.

Considerando que na educação ribeirinha existem muitos percalços, os alunos encontram dificuldades em assimilar conceitos e processos históricos e autonomia de pensamentos apenas com aulas meramente expositivas. Em meio a essa dificuldade, é justificada a efetuação de uma intervenção pedagógica com os objetos biográficos de memória. Com o objetivo de fazer com que os alunos se reconheçam enquanto sujeitos históricos, pertencentes a uma história, que também é a história da humanidade.

Procedendo como um bom método introdutório para o início do módulo letivo de história, a intervenção consiste na orientação para os alunos dos anos finais do ensino fundamental, sobre a escolha de um objeto no qual eles tenham alguma identificação, que emana lembranças, sentimentos, recordações, objetos que ajudem a contar um pouco de sua história de vida. O professor também está incluso nesse processo, além de escolher um objeto seu e apresentá-lo, deve ainda os orientar a escrever sobre um objeto que eles gostem/se identifiquem dos colegas. Este ato inicial pode ajudar na construção do diálogo entre professor e aluno e quebrar barreiras pré estabelecidas entre educador e educando.

Analisando os objetos é possível perceber que grande parte dos objetos, senão todos, trazidos pelos alunos, são os utensílios que eles utilizam no seu cotidiano. A “peconha”, um acessório rudimentar utilizado para tirar açaí. Uma “malhadeira” que é a rede utilizada para pescar. A “Rabeta” que é uma embarcação pequena, porém muito utilizada pelas famílias ribeirinhas na locomoção de uma comunidade para outra ou até mesmo para caçar e pescar. A “espingarda” utilizada na caça de animais como Cutia, “Paca” e Guariba. O remo utilizado para se locomover junto as embarcações de pequeno porte. A vara de pescar, o anzol utilizado para “pegar” os peixes. As plantas cultivadas, como cebolinha, cheiro verde e pimentinha. Pedaco de tronco de árvore onde os alunos tem seus momentos de lazer. Objetos que são latentes no cotidiano dos alunos, mas que pouco são usados em sala de aula.

Após a apresentação desses objetos, foi relacionado os objetos biográficos de memória com o cotidiano dos alunos. A escolha dos recipientes de memória se deu através de relações sociais estabelecidas no seio familiar. A “Peconha” utilizada para o extrato de açaí tem relação com a natureza, foi escolhida pelo aluno pelo seu gosto da fruta, pela sua afinidade com o alimento. A “Rabeta” escolhida foi pelo motivo de locomover a família do aluno pelo rio, indo na casa de um parente próximo ou até mesmo distante. Os objetos de memória escolhidos pelos alunos são parte essencial do seu cotidiano. Tem relação direta com o seu modo de vida e dos seus familiares. A “espingarda” escolhida pelo aluno lembra das noites em que ele vai caçar com o pai, um momento afetivo único de pai e filho.

Os recipientes de memórias escolhidos pelos alunos têm ligação direta nas relações sociais estabelecidas pelos ribeirinhos. A importância deste utensílio pode ser percebida através da exposição em sala de aula. Até então, os alunos utilizam estes objetos, mas ainda não perceberam que o utensílio faz parte da sua história de vida, do seu modo de agir, e na sua pecuária de subsistência ou de fomento. O Aluno escolheu a “Malhadeira” pois o pai vende peixes em grandes quantidades. E com o dinheiro das vendas, pode comprar roupas, material escolar e levar a sua família até a capital do Estado.

Outro fator é que os objetos escolhidos e apresentados têm relação direta com a natureza, com o rio e com os modos de produção, seja de subsistência, seja de fomentação de renda, dos alunos. E a relação que os alunos puderam estabelecer com os objetos a partir desta análise foi de que todos os dias eles levantam de suas redes para serem os protagonistas de sua história, que até então permaneceu oculto de sua vida escolar. Desta forma, o processo de ensino aprendizagem foi aperfeiçoado, através da construção do diálogo, conceito preconizado por Freire (1979).

A escolha dos objetos pelos alunos não é um evento casual: Embora faça parte do cotidiano dos alunos, até então a experiência e a percepção de que esses objetos são constituintes da sua história, permanece oculto. São crianças, pré adolescentes, adolescentes e adultos que precisam se reconhecer como participantes de uma história, como ingressantes de uma história, que não é exposta em sala de aula, mas é tão importante quanto. E que os objetos biográficos de memória surgem como coletores de lembranças, de desejos, anseios e de afirmações: De que os alunos são sujeitos históricos, participantes de uma história.

Após a exposição dos objetos, o professor expôs o seu objeto e explicou para os alunos sobre os objetivos em estudar os recipientes de memória, e que o professor também tem a sua história, estreitando os laços entre professor e aluno, melhorando o diálogo pedagógico e

estabelecendo uma relação de confiança entre as partes. Essas características são pontos importantes no processo de ensino aprendizagem, como aponta Davis e Rigolon (2020).

Os resultados do trabalho com os coletores de memórias foram considerados um sucesso de forma unânime pelos alunos. As emoções/sentimentos/sensações que transbordaram em sala de aula, certamente é uma das experiências que ficaram na memória dos alunos, junto aos seus recipientes de lembranças. Alunos ribeirinhos que conseguiram se reconhecer como sujeitos históricos, como pessoas que tem a sua história, mesmo que não conste nos livros didáticos e nos grandes processos históricos. Crianças, jovens e adultos que tiveram a oportunidade de aprender com uma aula de emoções, de sentimentos, de percepções e com a lucidez dos objetos.

Ao professor, que teve domínio de classe para lidar com situações que poderiam sair do controle, ficou a sensação de que a experiência também o transformou. Afirmando, com todas as letras, que os objetos biográficos de memória foram de importante auxílio para o módulo II e que os alunos conseguiram lidar melhor com a disciplina história e com conceitos históricos, estimulando também o seu raciocínio histórico. A experiência que cativou os alunos, também os motivou para uma autonomia de pensamentos e para a construção de uma consciência crítica, e que conseguiram estabelecer associações entre a aula de história e o seu cotidiano, o que acarretou em resultados satisfatórios para o professor pesquisador.

Embora seja uma característica da humanidade, a sensibilidade é pouco explorada em sala de aula. Presos em aulas expositivas, professores e alunos acabam atuando muitas vezes de maneira robotizada: ignoram suas sensações/sentimentos/emoções e esquecem ou em algumas ocasiões nem conseguem acessar as lembranças de sua própria história. Os alunos ribeirinhos puderam conectar suas memórias com a aula de história, e as emoções que surgiram em sala foram diversas: Alunos que se emocionaram pois lembraram de entes queridos, de uma infância que deixou marcas, de locais visitados que serviram de apoio para momentos difíceis. A experiência foi de fato uma viagem ao seu íntimo, aos seus recipientes de memória, aos seus coletores de lembranças.

Associar sensibilidade com o ensino de história é um mecanismo que os objetos biográficos de memória podem possibilitar: a sensação que ficou nos alunos é a de que a experiência certamente irá permear por muito tempo nas suas memórias e que o reconhecimento enquanto sujeitos históricos, até então, foi uma experimentação que ficou/ficará latente durante a sua vida escolar e no andamento de suas vidas adultas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar, conceituar e pôr em prática novas linguagens para o ensino de história, sobretudo, com os Objetos biográficos de memória, compreendidos aqui como um bom método introdutório para o início do ano letivo escolar. O objetivo dos recipientes de memória é fazer com que os alunos se visualizem como sujeitos históricos, participes de uma história, que também é a história da humanidade. Esse objetivo é feito através da percepção, da experiência, da reflexão sobre o objeto escolhido e a importância dos objetos na formação de sua vida e de sua história.

Os recipientes de memória, incorporados na vida de seu possuidor com o passar dos anos, tornam-se parte importante de sua vida. Neste caso, é seguro afirmar que o objeto biográfico colabora na narrativa pessoal de seus donos. E embora não exerça função social, o simples toque ao objeto é o suficiente para que as lembranças emanem, e as memórias que outrora estavam guardadas, passam a ficar em evidência. Através deste fato, é possível associar os objetos biográficos como ferramentas metodológicas para o ensino de história.

A escolha pelos objetos biográficos de memória surgiu através da experiência utilizada pelo Professor Giovani José Da Silva em uma turma de futuros docentes de história da Universidade Federal do Amapá, no ano de 2016. A sensibilidade da aula, a percepção dos discentes perante os objetos escolhidos e apresentados e os reconhecimentos dos futuros professores como sujeitos históricos, serviu como motor de propulsão para a elaboração desta pesquisa, pois os objetos biográficos demonstraram ser uma metodologia eficiente e inovadora para aulas de história na educação básica.

Diante disso, surgiu a necessidade de propor uma intervenção pedagógica na Escola Família Agroecológica do Macacoari, que atende um público majoritariamente ribeirinho. As escolas famílias trabalham com a pedagogia da alternância, onde os alunos ficam sete dias ininterruptos na escola e sete dias em casa, repetindo este processo até o término do ano letivo. O presente pesquisador já teve a oportunidade de trabalhar como professor de história na EFAM. No entanto, a escolha da Escola Família para a proposta de intervenção se dá por dois motivos: O primeiro é o campo fértil da experiência, onde poderão ser encontrados objetos como “peconha” “rabeta” e “malhadeira”. Objetos que podem parecer simples, mas que são de grande utilidade dos alunos e que estão intrinsecamente interligados com a natureza, com os rios e com as relações sociais estabelecidas pelos alunos, seja na escola, seja na comunidade.

Seja para fomentação de renda ou para subsistência, os objetos que podem ser encontrados nas comunidades ribeirinhas estão carregados de simbolismos, valores, crenças,

das quais apenas os próprios moradores da região dominam, os chamados mestres sem diploma. Entretanto, o reconhecimento como sujeitos históricos e a autonomia de pensamentos são habilidades que somente o professor, especificamente de história, pode fazer uso neste caso. É dever do docente em história ter erudição, planejamento e execução de metodologias de ensino voltadas para a educação básica, que tenham como objetivo a experiência, o contato, a sensibilização dos alunos e a construção do diálogo no processo de ensino aprendizagem.

O segundo motivo se dá pelas condições precárias que se encontra a educação no campo, sobretudo a educação ribeirinha. O descaso do poder público, o desnível com a educação urbana e algumas condições consideradas insalubres acabam afastando professores, alunos e em alguns casos a própria escola. Lutar por uma educação de qualidade deveria ser a bandeira que rege este país, o hino que ecoa mais forte, a luta pela qual vale a pena lutar. Infelizmente, a educação ribeirinha continua relegada a sorte e no caso da Escola Família Agroecológica do Macacoari, a criação de uma associação mantenedora, que ajude a custear os gastos da escola com alimentação, combustível e contratação de professores.

A educação é direito de todos conforme o Artigo 205 da Constituição Federal dispõe:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

No entanto, é possível perceber que a educação ainda é bastante excludente, sobretudo na educação ribeirinha, onde não é possível ter o mínimo para que professores e alunos possam caminhar no ano letivo. A educação no campo padece, pelo desnível em comparação a educação urbana e também pelo pouco investimento que recebe por parte do Estado. Essa falha do estado está acarretando no fechamento e na suspensão de várias escolas do campo, como a Escola Família Agrícola do Pacuí, que já teve que suspender as suas atividades pedagógicas e administrativas por falta de recursos para o funcionamento da escola.

Os alunos ribeirinhos necessitam de políticas públicas que tenham como objetivo diminuir o abismo pedagógico existente entre escola ribeirinha e escola urbana. É de extrema importância que o professor, sobretudo, o professor de história tenha a sensibilidade para estabelecer nos seus alunos o reconhecimento como sujeitos históricos, não se limitando aos problemas vivenciados pela educação ribeirinha e pela comunidade

Os recipientes de memória apresentaram-se como um bom método introdutório, viável e que torna possível a construção do diálogo, como aponta Freire (1979). O estreitamento dos laços entre professor e aluno é visto como fator primordial para uma melhor experiência no

processo de ensino aprendizagem, pois os alunos sentem-se mais à vontade para aprender com aqueles que lhes passam mais confiança.

Por conseguinte, o ensino de história no Brasil obteve avanços significativos nos seus eixos temáticos e modos de analisar os processos históricos. Através de pesquisadores das teorias da aprendizagem no ensino de história, é possível o acréscimo das novas linguagens para o ensino no planejamento escolar do professor. Cinema, teatro, música, literatura, elaboração de jogos e os objetos biográficos de memória, tornam-se ferramentas metodológicas para o educador. No entanto, nenhuma metodologia substitui o papel do professor em sala de aula. É seu dever demonstrar erudição, domínio dos conteúdos e desenvolver metodologias que busquem o estabelecimento da consciência crítica e do diálogo com os seus alunos.

Por fim, mesmo em meio a todo esse processo falho do estado, é necessário que os professores, sobretudo de história, problematizem seus métodos de ensino e tentem atualizar suas metodologias, fazendo uso das novas linguagens para o ensino de história. Certa vez um homem sábio disse para alguns jovens: “Vocês têm a obrigação de mudar a educação deste país!”. Com a união da sociedade como um todo, é possível que a educação no Brasil mude drasticamente, e que em um futuro a história não deixe as pessoas esquecerem pelo que devem lutar: Equidade na educação.

REFERÊNCIAS

- ABUD, K. M. *A História nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula*. In: MONTEIRO, A. M.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES, M. de S. (Org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 107-127.
- ALMEIDA, J. R. de; AMORIM, M. A. B. V.; BARBOSA, X. de C. Performance e objeto biográfico: questões para a História Oral de vida. *Oralidades: Revista de História Oral*, São Paulo, n. 2, p. 101-109, jul./dez. 2007.
- ARROYO, M. G. A educação Básica e o Movimento Social do Campo. In: ARROYO, M. G; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Org.). *Por uma educação do campo*. 3. ed. Petropolis – RJ: Vozes, 2008. p. 65-86.
- BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 3.ed., 1987.
- BICHO, J. S. Os ribeirinhos da Amazônia: das práticas em curso à educação escolar (p. 73-95). *Revista De Ciências Da Educação*, p. 73-95, 2015.
- BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004. 408 p.
- BOSI, E. *O tempo vivo da memória* -2.a edição. 2. ed. São Paulo: Atelie, 2004. v. 1. 150p. Cortez & Moraes, 1979.
- CAMARGO, J. J.. Ensino de História e Novas Linguagens: questões de compreensão e uso.. In: *XVII Congresso Internacional Jornadas de Educação Histórica Teoria, Pesquisa e Prática. I Encontro da AIPEDH Associação Ibero Americana de Pesquisadores em Educação Histórica.*, 2017, Foz do Iguaçu Pr. Anais do XVII Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica - Teoria, Pesquisa e Prática., 2017. p. 1-4.
- COSTA, M. da A. C. C. *Freinet: suas contribuições ao processo de sensibilização ambiental, em especial a “Aula das Descobertas”*. 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor e Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- DAVIS, Claudia L. F. ; RIGOLON, W. . Só ensina história quem se sabe sujeito histórico: o trabalho com objetos biográficos. In: Gabriela Miranda Moriconi. (Org.). *Ensinando a ensinar: experiências formativas inspiradoras*. Ied.Curitiba/São Paulo: CRV/FCC, 2020, v. I, p. 201-224.
- DOESWIJK, A. L. (2017). LEVI, Giovanni. *A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. Diálogos, 6(1), 189 - 195.
- DOS SANTOS, J. *Populações ribeirinhas e educação do campo: Análise das diretrizes educacionais do município de Belém-PA, no período de 2005-2012*. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, 2014.

FARIA, de Assis, A., & de Mattos, Y. (2019). *A escrita como patrimônio: O queijo e os vermes, de Carlo Ginzburg e sua influência na historiografia contemporânea*. *Escritas Do Tempo*, 1(1), 49-71.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História*. Campinas: Papirus, 2003. 255 p.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988. p. 12.

JOSÉ DA SILVA, G.. 'Objetos biográficos de memória': reconhecendo-se como agentes históricos a partir de aulas de Prática de Ensino de História. *Coleção Textos FCC (Impresso)*, v. 50, p. 123-147, 2016.

KARNAL, Leandro. Introdução. In: _____. (Org.). *História na sala de aula. Conceitos, práticas e proposta*. São Paulo: Contexto, 2009.

LOMBA, Roni Mayer ; CARDOSO, J. P. . Educação Do Campo E Pedagogia Da alternância: Uma Análise das Escolas Família Agrícola do Amapá. *REVISTA NERA (UNESP)*, v. 53, p. 361-384, 2020.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação Científica: Prática de fichamentos, resumos, resenhas/ João Bosco Medeiros – 13. Ed. [2. Reimpr.] – São Paulo: Atlas, 2021*

MORIN, V. El objeto biográfico. In: MOLES, A. et al. *Los objetos*. 2. ed. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1974.

SILVA, S. J. T.; Brito, Luiz Carlos Cerquinho de . Cultura E Educação Da Criança Ribeirinha: Estudo Na Comunidade Santo Antônio Do Rio Tracajá - PARINTINS/AM. In: *Encontro Amazônico de Psicopedagogia*, 2018, Manaus. Anais do Encontro Amazônico de Psicopedagogia, 2018. v. 2.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COMITÊ DE DESENVOLVIMENTO, MANUTENÇÃO E ATUALIZAÇÃO DO REPOSITÓRIO
INSTITUCIONAL DA UNIFAP**

DECLARAÇÃO DE AUTORIA E AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

INFORMAÇÕES SOBRE A OBRA		
Autor(a) ¹ : Sérgio Cardoso dos Santos Júnior		
Afiliação ² do(a) autor(a): Shopping Popular de Macapá		
Curso/Departamento/Campus: Licenciatura em História/Filosofia e Ciências Humanas		
Programa de Pós-Graduação, se for Tese ou Dissertação:		
Orientador(a): Giovanni José da Silva		
Coorientador(a), se houver:		
Título e subtítulo, se houver: Ensino de História em Comunidades Ribeirinhas		
Data da Defesa: 11/02/2022		
TIPO DO DOCUMENTO		
<input checked="" type="checkbox"/> TCC ³	<input type="checkbox"/> TCCE ⁴	<input type="checkbox"/> Dissertação
<input type="checkbox"/> Tese	<input type="checkbox"/> Artigo Científico	<input type="checkbox"/> Livro
<input type="checkbox"/> Capítulo de livro	<input type="checkbox"/> Trabalho apresentado em evento	<input type="checkbox"/> Outro:
<p>Ao assinar, concordo, para os devidos fins, com a distribuição não exclusiva para publicação no repositório institucional da UNIFAP e que o presente trabalho é de minha autoria e que estou ciente:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dos Artigos 297 a 299 do Código Penal, Decreto-Lei n. 2.848 de 7 de dezembro de 1940; • Da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre os Direitos Autorais; • Do Regimento Interno da Universidade Federal do Amapá; • Da lei 12.527 de novembro de 2011, que trata da Lei de Acesso à Informação; • Da utilização da licença pública internacional <i>Creative Commons</i> 4.0; • Que plágio consiste na reprodução de obra alheia e submissão da mesma como trabalho próprio ou na inclusão, em trabalho próprio, de ideias, textos, tabelas ou ilustrações transcritas de obras de terceiros sem a devida e correta citação referencial. 		
INFORMAÇÃO RESTRIÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA OBRA		
Restrição para publicação:	<input checked="" type="checkbox"/> Sem restrição	<input type="checkbox"/> Parcial ⁵ <input type="checkbox"/> Total ⁶
O DOCUMENTO ESTÁ SUJEITO A PATENTES?		
<input checked="" type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim, com embargo	<input type="checkbox"/> Sim, sem embargo
Macapá, 11 de Fevereiro de 2022	Sérgio Cardoso dos Santos Júnior	
Local e data	Assinatura do(a) autor(a)	

¹ Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada.

² Instituição de vínculo empregatício do(a) autor(a).

³ Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação.

⁴ Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização.

⁵ Em caso de restrição de um ano, poderá ser mantida mediante justificativa do autor(a), orientador(a) ou banca de avaliação.

⁶ Será disponibilizado após a data informada neste termo.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNIFAP
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL (RIUNIFAP)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO E DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA PARA
PUBLICAÇÃO DIGITAL NO PORTAL INSTITUCIONAL DE ACESSO ABERTO DA UNIFAP

1. Tipo de documento: TCC¹ () TCCE² () Dissertação () Tese () Artigo Científico () Livro
() Capítulo de Livro () Trabalho apresentado em evento () Outro: _____

2. Informações sobre a obra:

Autor(a): Sérgio Cardoso dos Santos Júnior
RG: 502032 CPF: 033.229.3124 E-mail: Sergio.JMCP@gmail.com
Telefone: (96) 99182-6732 Programa: Programa de Conclusão de Curso
Orientador(a): Prof. Gilson José da Silva Orientador(a): _____
Título do documento: Enxerto de História em Comunidades Ribeirinhas

Data da defesa: 11/02/2022

Área do Conhecimento (tabela do CNPq): 7.05.05.00-4/História do Brasil
Área de Concentração (Se Tese ou Dissertação): _____
Linha de Pesquisa (Se Tese ou Dissertação): _____
Agência de Fomento (Se houver): _____

3. Informação de disponibilização do documento:

Restrição para publicação: () Total* () Parcial* Sem restrição

Justificativa de restrição total**: _____

Em caso de restrição parcial, especifique os capítulos restritos: 2

A partir de qual data esse documento poderá ser disponibilizado: 22/04/2022

4. O documento está sujeito a patentes? () Sim Não

- Se sim, com embargo? () Sim. Período: _____
() Não

5. T&D defendidas fora da instituição

É TCC, TCCE, Dissertação ou Tese defendida fora da UNIFAP? () Sim Não

Macapá, 22 de abril de 2022

Local e Data

Sérgio Cardoso dos Santos Júnior

Assinatura do(a) autor(a)

1 Trabalho de Conclusão de Curso em Graduação
2 Trabalho de Conclusão de Curso em Especialização
3 Creative Commons Internacional 4.0

* Não será disponibilizado, somente após a data informada neste termo, se houver

**Em caso de restrição de um ano, esta poderá ser mantida mediante justificativa do autor(a), orientador(a) ou banca de avaliação.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNIFAP
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL (RIUNIFAP)

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Autor(a)*: Sérgio Cardoso dos Santos Júnior
 Afiliação do(a) autor(a): S. Rapping Popular de Malapá
 Instituição de vínculo empregatício do(a) autor(a)
 CPF: 033.229.742-41 Matrícula: 20191129 0024
 Telefone: (96) 99182-6732 E-mail: SergioJunior@Gmail.com
 Curso/Departamento: Departamento de Filosofia e Ciências Humanas/História
 Orientador(a): Prof. Giovanni José da Silva
 Coorientador(a): _____
 Título/Subtítulo: Enximo de História em Comunidades Bibliônicas de Malapá: O Trabalho Com os objetos biográficos de memória
 Se Tese ou Dissertação informar Programa de Pós-Graduação: _____

Data da Defesa: 11/02/2023

Tipo do documento: TCC ¹ () TCCE ² () Dissertação () Tese () Artigo Científico () Livro
 () Capítulo de livro () Trabalho apresentado em evento () Outro: _____

Declaro que, para os devidos fins, o presente trabalho é de minha autoria e que estou ciente:

- Dos Artigos 297 a 299 do Código Penal, Decreto-Lei n. 2.848 de 7 de dezembro de 1940;
- Da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre os Direitos Autorais;
- Do Regimento Interno da Universidade Federal do Amapá;
- Da lei 12.527 de novembro de 2011, que trata da Lei de Acesso à Informação;
- Da utilização da licença pública internacional *Creative Commons 4.0*;
- Que plágio consiste na reprodução de obra alheia e submissão da mesma como trabalho próprio ou na inclusão, em trabalho próprio, de ideias, textos, tabelas ou ilustrações transcritas de obras de terceiros sem a devida e correta citação referencial.

Malapá, 22 de abril de 2022

Local e Data

Sérgio Cardoso dos Santos Júnior

Assinatura do(a) autor(a)

¹ Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
² Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização
 * Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada